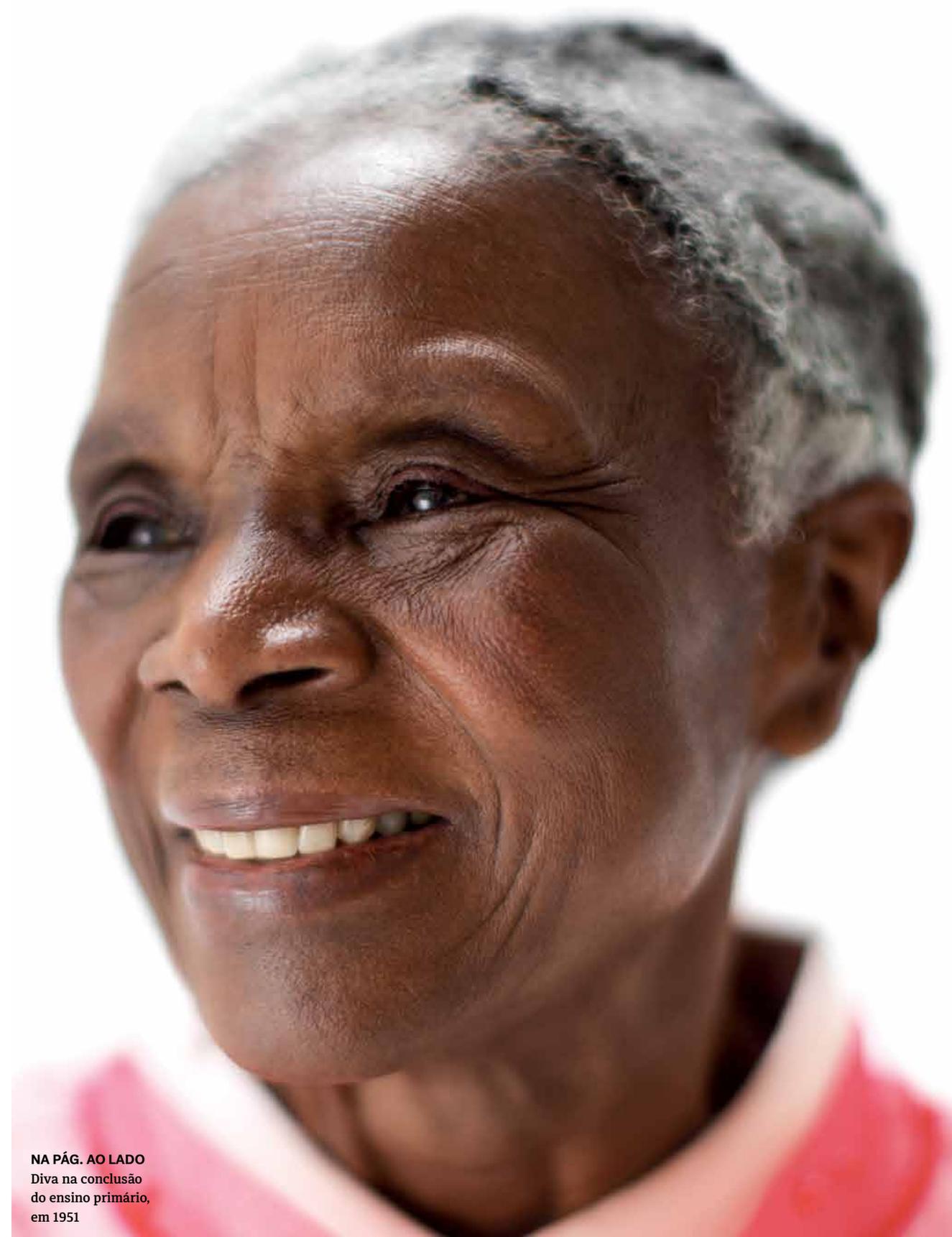




VIDA DE DIVA

Aos 80 anos, Diva Guimarães prova que nunca é tarde para continuar lutando: ela viaja o Brasil para contar sua história e mostra que a velhice deve ser tratada com dignidade

POR Décio Galina FOTOS Felipe Hellmeister



NA PÁG. AO LADO
Diva na conclusão
do ensino primário,
em 1951

“O pior preconceito com uma pessoa velha é achar que ela é idiota. Escuto: ‘Esses velhos só incomodam, por que não ficam em casa?’”

DIVA GUIMARÃES, APOSENTADA

“Quando a idade chega, a gente passa a ter mais clareza das coisas. Em muitas situações da juventude, nosso impulso é partir para ignorância”, diz a professora paranaense aposentada Diva Guimarães, prestes a completar 80 anos no dia 3 de agosto – embora tenha sido registrada só um ano depois do nascimento, em 3 de agosto de 1940.

“Sempre fui rebelde e busquei vingança por todo o preconceito que os negros, os índios e os pobres sofriam, e sofrem, neste país. Queria sair arrebatando tudo, mas o correr dos anos ensina que o grande desafio da terceira idade é justamente não perder a cabeça; não perder a fé em si mesmo. Temos que aproveitar a vida com o que mais gostamos. No meu caso, é a leitura. Sou fã de Jorge Amado, Darcy Ribeiro e José Mauro Vasconcelos. Ler é como se eu estivesse fazendo um exercício físico. Às vezes, atravesso a madrugada abraçada a um livro; nunca durmo antes da meia-noite.”

Em uma tarde improvável de sol forte e calor em Curitiba, no Paraná, no meio de julho, o discurso é desfiado em ritmo pausado. Escolhidas a dedo, as palavras parecem ser escritas em uma lousa. “O pior preconceito que pode existir com uma pessoa mais velha é achar que ela é idiota e só atrapalha. Escuto nos ônibus: ‘Esses velhos só incomodam, por que não ficam em casa? Não pagam a passagem e ainda querem sentar!’. Não falo nada. Só dou uma olhada, e penso: ‘Quando você chegar – se chegar – à minha idade, você vai ver...’. É triste porque, antigamente, as pessoas eram educadas a respeitar os mais velhos, mas, hoje, talvez por muitos pais estarem terceirizando a educação dos filhos, tem uma moçada que acha que pode tudo.”

A história de Diva comprova a importância de manter a cabeça no lugar – e usar a experiência das décadas a seu favor. Ela tinha 77 anos quando realizou o sonho de acompanhar a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em 2017. Na mesa

A pele que habito, com Lázaro Ramos, empunhou o microfone na plateia e disparou a falar por 13 minutos e 16 segundos, levando o ator e boa parte dos presentes às lágrimas. O relato cru de inúmeras dificuldades que costuram a existência da professora pôs Diva nas manchetes nacionais e internacionais sobre o evento. “Não sei o que deu em mim. Não tinha planejado falar nada. Foi pura emoção.” O sucesso do vídeo do discurso na internet foi vertiginoso, Diva virou celebridade no mesmo dia e mal pôde aproveitar as outras mesas do evento.

A VIDA NOS TRILHOS

Neta de escrava com português, a professora nasceu no mato, em Serra Morena, no Paraná. Mudava de casa toda a vez que o pai, o ferroviário Pedro Manoel, era transferido de estação. Ele morreu aos 55 anos, em um acidente nos trilhos. A mãe, Rita de Oliveira, faleceu aos 62, com problemas cardíacos, e teve 20 gestações; das quais 13 chegaram ao fim; e apenas sete dos filhos passaram os 7 anos. “Ela que me ensinou que conhecimento ninguém tira da gente. Quando eu pensava em desistir da escola, ela dizia sempre: ‘Olha pra sua mãe; é isso que você quer da sua vida?’”

Recolhida aos 5 anos por padres e freiras que levavam crianças pobres para um colégio interno em São Paulo, foi obrigada a trabalhar e também apanhava bastante. Foi “o inferno”, como ela diz. Saiu aos 8, quando uma tia apareceu. Voltou a viver com os pais no Paraná, onde a mãe conseguia colocá-la na escola em troca do serviço de lavadeira.

No ginásio, praticou atletismo, mas foi o basquete que se tornou seu esporte preferido. Disputou campeonatos até os 33 anos e jogou até os 70. Graduou-se em fisioterapia e em educação física, tornando-se professora dessa área por quase 30 anos – na década de 50, também atuou como alfabetizadora. “Nas aulas, nunca pensei em falar só dos assuntos pertinentes da educação física”, lembra. Em uma

NA PÁG.
AO LADO
Formatura
do magistério,
em 1959



“Os idosos querem distância de asilo, preferem envelhecer em suas casas. E eles compõem a faixa etária que mais cresce em redes sociais”

ANTÔNIO LEITÃO, GERENTE DE INSTITUTO DE LONGEVIDADE

época em que meninas se casavam com 14 anos, Diva ensinava que era melhor estudar primeiro, ter uma profissão e, depois, pensar em casamento, “para não depender de ninguém no futuro”. “É gratificante encontrá-las e ouvir que tomaram um rumo na vida a partir do que conversávamos.”

Diva não teve filhos, mas sustenta cinco sobrinhos e ajuda várias pessoas da família. “A Diva é rigorosa demais com a piaçada, mas uma qualidade é que ela é muito generosa”, brinca a amiga-irmã e socióloga Maria Alice Correia Pedotti, 71. É com ela que a aposentada faz programas como ir ao cinema e ao teatro e viajar – inclusive, para a Flip. “Depois de Paraty, meu desejo é viver muito ainda. Quero defender a importância da educação neste país. Minha saúde até que está boa: a gota foi controlada, só tomo remédio para hipertensão e um tremor nas mãos. Não quero morrer de jeito nenhum”, diz Diva.

EM CRESCIMENTO

A sensação de a aposentada ter uma longa estrada pela frente aos 80 anos é sintomática e reflete uma mudança no perfil populacional do Brasil. Dados do IBGE do primeiro trimestre mostram que a população com 60 anos ou mais já é de 33,2 milhões de pessoas, o que representa 15,9% da população brasileira. As projeções, no entanto, mostram a tendência de crescimento dos mais maduros: em 2031, serão mais de 43 milhões de idosos, superando o número de crianças e jovens. O rendimento médio do trabalho para pessoas com 60 anos ou mais é de R\$ 2.815, superior ao geral de todas idades (R\$ 2.291).

Atentas a esse cenário de oportunidades, empresas como a MaturiJobs, criada em 2015, conectam profissionais com mais de 50 anos com empregadores, além de promover iniciativas de empreendedorismo para esse público, como o MaturiFest, que reuniu mais de 500 pessoas em abril, em São Paulo. Foram três dias de evento com workshops, palestras

e debates sobre tecnologia, inovação, autoconhecimento, economia compartilhada e outros assuntos. “Sentimos que a diversidade etária está ganhando cada vez mais atenção das empresas. 800 empresas já publicaram 1,2 mil vagas em nosso site, e, ao longo de três anos, mil pessoas foram contratadas. É uma boa notícia, mas ainda é pouco mais de 1% dos 94 mil profissionais que temos cadastrados”, explica o fundador e CEO da empresa, o engenheiro de softwares Mórris Lituak, 36.

Na mesma linha, o Instituto de Longevidade Mongeral Aegon, no Rio de Janeiro, trabalha para disseminar a questão na agenda de empresas e municípios. Para isso, criou o Índice de Desenvolvimento Urbano para a Longevidade, que mede o quão preparadas as cidades estão para absorver o envelhecimento da população – a edição deste ano será com 800 cidades. “Não há o preparo devido, uma vez que se trata de uma nova realidade”, explica Antônio Leitão, gerente institucional do Instituto. “O que se sabe é que os idosos querem distância de asilo, preferem ficar em casa, e que ainda há preconceito de que são resistentes à tecnologia. São grandes consumidores on-line e compõem a faixa etária que mais cresce em redes sociais.”

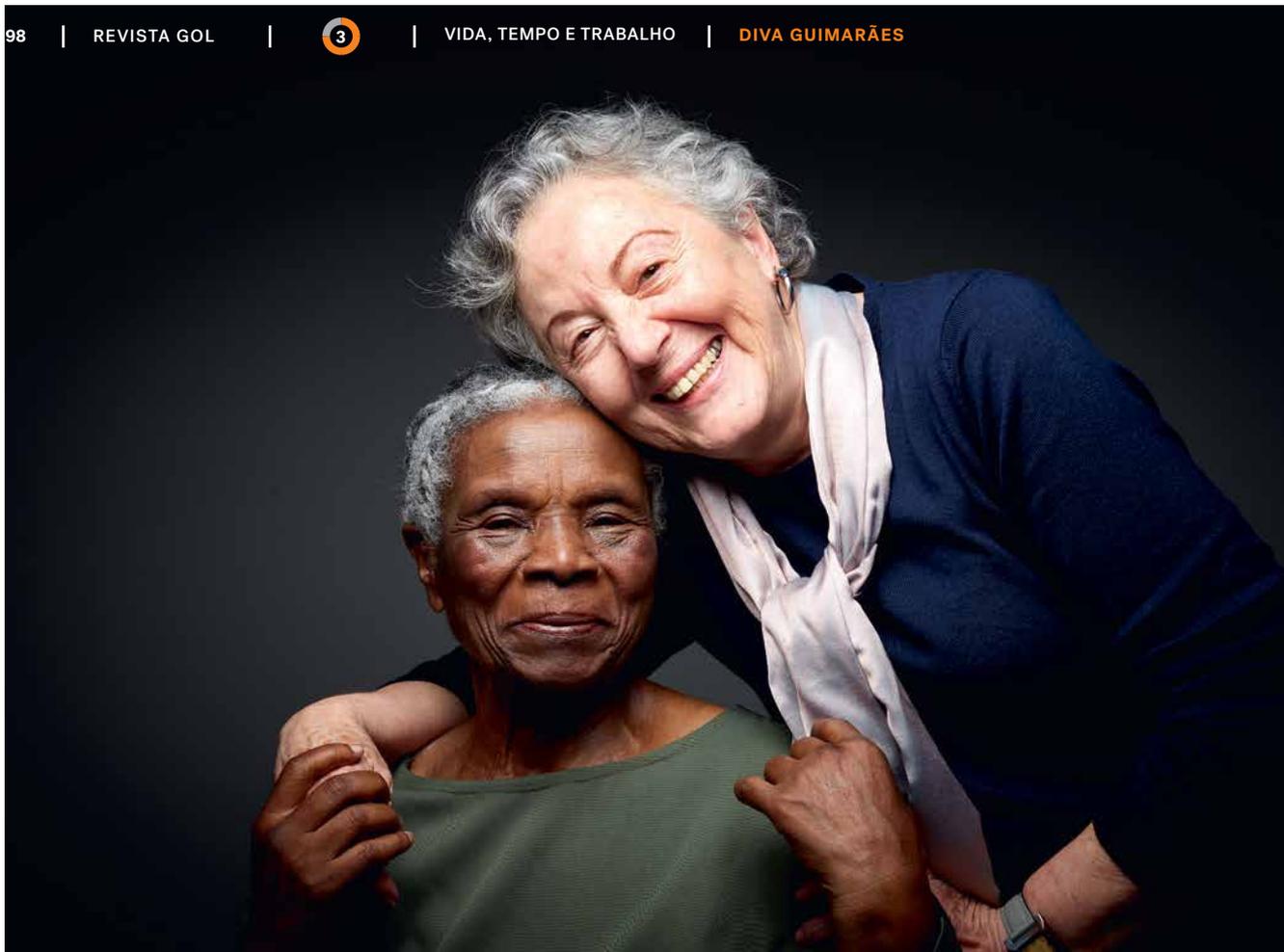
Para Diva, esses “mitos” precisam ser quebrados. “É importante falarmos sobre a questão do idoso no Brasil para nos enxergarem e verem nossas necessidades e vontades”, diz ela, que tem participado de eventos em escolas no Paraná.

Outro traço importante desse novo comportamento dos idosos é viajar. “Conhecer lugares dá novas perspectivas de vida. Estimula a autonomia, desperta maior vitalidade. Sabemos que a dependência é ‘amiga’ da depressão em idosos; e o maior medo é a solidão”, explica a geriatra Maisa Kairalla.

O desejo de viajar da terceira idade é evidente no estudo Tsunami60+, sobre os hábitos de compra, relações afetivas, sexualidade, trabalho, lazer



NA PÁG. AO LADO
Diva na equipe do
Colégio Estadual Castro
Alves, em Cornélio
Procópio, em 1956



e viagens de brasileiros entre 55 e 89 anos. Feito em 2018, ele revela, por exemplo, que para cerca de 25% do 2.330 entrevistados não há vagas no mercado e 86% possuem renda própria. “As pessoas estão em busca de movimento. Querem criar novas histórias. Tem muita gente namorando após os 65 anos, amigas viajando atrás de experiências específicas – algo bem distinto do estigma ‘ir à Europa ver museu’”, diz Layla Vallias, cofundadora do Hype60+, núcleo de inteligência de marketing especializado no consumidor sênior, uma das responsáveis pela pesquisa.

Diva é um exemplo de quem, aos 80 anos, não para de buscar novas sensações. Ela, que nunca foi de viajar, conheceu Minas Gerais e Bahia – gosta de visitar quilombos e locais ligados aos indígenas. Questionada sobre o próximo destino, responde que tem vontade de ir ao Maranhão. E, depois de um longo silêncio, continua: “Para o futuro, o que quero mesmo – tenho esperança nisso, vou lutar por isso! – é que todos, independentemente da ascendência, sejamos tratados como seres humanos”. ○



A PARTIR DO TOPO
Diva e a amiga Maria Alice;
e com Lázaro Ramos,
na gravação do programa
Espelho, do Canal Brasil